

DO PEQUENO NINO AO DIALÉTICO GRAMSCI: BIOGRAFIA DE UM INTELLECTUAL

Daniele Kelly Lima de Oliveira | dankel28@yahoo.com.br

Osterne Nonato Maia Filho | osterne.filho@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Antônio Gramsci (1891-1937) foi um pensador do século XX que se debruçou sobre várias temáticas como filosofia, arte, política e educação. Sua obra tem sido palco de disputas entre diferentes correntes teóricas e políticas, que ao considerar o sistema capitalista no qual vivemos, ora o utilizam como adepto de teorias reformistas, ora como adepto de um projeto de ruptura com tal sistema e consequentemente favorável a um projeto de emancipação humana.

Entendendo que a obra de Gramsci já guarda em si certo grau de dificuldade, seja por ter sido produzida em condições extremamente adversas, seja porque que o italiano refere-se muitas vezes a particularidades que exigem o mínimo conhecimento da história italiana, nos propomos neste artigo a realizar uma exposição de sua biografia, apoiados por uma leitura contextualizada pelo tempo histórico no qual ele viveu e que, consequentemente, o influenciou na elaboração de seu pensamento.

A tarefa empreendida nesse artigo é de suma importância no intuito de contribuir para todos os pesquisadores que desejam realizar um estudo rigoroso da obra de Antonio Gramsci, evitando assim as já tão numerosas deturpações aplicadas ao sardo. Ressaltamos a relevância da proposta de resgate biográfico e histórico no estudo de qualquer outro pensador, pois, a partir dele conseguimos inferir com maior precisão a que questões o complexo categorial do pensador se refere e pretende responder.

A metodologia utilizada nessa pesquisa foi de natureza bibliográfica e descritiva, apoiada em estudiosos dessa área como Giuseppe Fiori (1979), Manacorda (2010), Lajolo (1987), Coutinho (1990) e a obra do próprio Gramsci, seja em seus escritos pré-carcerários ou aqueles realizados no período de sua prisão (1926-1927), aí incluídos as cartas e seus famosos Cadernos do Cárcere.

O trabalho está dividido em cinco partes: uma breve introdução; o primeiro tópico intitulado *O pequeno Nino*, no qual traçamos a infância de Gramsci; seguida pelo segundo

tópico intitulado *O jovem Antônio*, no qual expomos sua chegada a Turim e seu envolvimento com o movimento operário; no terceiro tópico, *O dialético Gramsci*, damos ênfase a sua produção no período do cárcere e as questões que o impulsionavam naquele momento; finalizando com as considerações finais acerca do trabalho.

1. O PEQUENO NINO

Nascido em 1891, na Sardenha, região atingida pela chamada questão meridional, Antônio Gramsci, ou Nino, como era carinhosamente chamado no seio familiar, era o quarto dos sete filhos de uma família de renda média. Acometido por algumas doenças desde a infância, enfrentou sérias dificuldades, que foram mais agravadas quando seu pai foi preso, em 1899, após uma disputa política em Sòrgono, cidade em que Francesco Gramsci, seu pai, era chefe do cartório à época, deixando a família em uma difícil situação financeira.

A compreensão da questão meridional italiana, conhecida como *Risorgimento*, é importante não somente para entendermos as dificuldades pessoais de Gramsci, mas sobretudo, as implicações desse fato na história das classes subalternas italiana, a que sardo se refere em várias passagens de sua obra. Havia diferentes versões sobre esse fato e mesmo aquela realizada por Benedetto Croce carecia de maior enfoque acerca da participação dos trabalhadores nesse processo, tornando predominante a versão dos vencedores:

Existe uma notável quantidade de interpretações, as mais díspares, do *Risorgimento*. A própria quantidade delas é um sinal característico da literatura histórico-político italiana e da situação dos estudos sobre o *Risorgimento*. Para que um evento ou um processo de acontecimentos históricos possa produzir um tal gênero de literatura, deve-se pensar, que ele é pouco claro e justificado em seu desenvolvimento devido a insuficiência de forças interiores que parecem tê-lo produzido, à escassez dos objetivos nacionais, aos quais fazer referência ao caráter inconsistente e gelatinoso do organismo estudado, e de fato, muitas vezes se ouviu mencionar o ‘milagre do *Risorgimento*’. (GRAMSCI, 2011d, p. 28)

A questão meridional, fenda socioeconômica que separava Norte e Sul da Itália, provocada a partir do processo de unificação italiana, ocorrido entre 1815 e 1870, surgiu da correlação de forças envolvidas nesse processo. De um lado, aparentemente liderado por forças populares tínhamos as forças personificadas nas pessoas de Giuseppe Mazzini e Giuseppe Garibaldi; de outro a força política teve como articulador o conde e grande proprietário de terras, Camilo de Cavour (1810-1861), primeiro ministro do Rei Victor

Emanuelle II, do reino do Piemonte e da Sardenha, localizado ao Norte da Itália.

Cavour soube congregar a seu favor as forças internas populares e as forças externas, estabelecendo alianças políticas, nunca antes possíveis. Assim, a unificação italiana pode ser classificada, nos termos gramscianos, como Revolução Passiva, diferente de uma revolução popular, que parte da massa trabalhadora para cima, num movimento de tipo jacobino. O que ocorreu foi um processo sobretudo articulado pelo Estado, que ao cooptar as lideranças de vários segmentos, promoveu uma unificação sob a égide da região Norte, de “cima para baixo”, concedendo a si benefícios, como o protecionismo alfandegário, que lhe propiciou maior desenvolvimento e, conseqüentemente, aumentaram da exploração e pauperização das regiões localizadas ao Sul. Historicamente o processo de unificação italiana revelou-se um processo de neocolonialismo interno.

Como habitante da região Sul, Gramsci sentiu mais de perto essa situação. Após a prisão de seu pai, seus próprios estudos ficaram comprometidos, pois embora fosse considerado um ótimo aluno, foi obrigado a abandoná-los⁵², visto que sua mãe não dispunha de recursos para manter os filhos na escola.

Para além de suas limitações físicas, visto que era acometido da doença de Pott, uma espécie de tuberculose óssea, Gramsci assume ainda na infância um emprego num cartório. Sua distância da escola não significou o afastamento da educação, visto que nesse período Nino tornou-se um ávido leitor.

No ano de 1904 seu pai foi solto e a família tentou novamente enviar os filhos a escola. Gramsci cursou o precário ginásio municipal de Santulussurgiu, distante 18 km de Guilarza, sua cidade, que contava com grande carência de professores. A família optara pela continuidade dos estudos de Nino, motivada pela expectativa que ele conseguisse um emprego melhor e, que não necessitasse de esforço físico.

Com quase 18 anos, foi frequentar o curso colegial no Liceu Dettori, na cidade de Cagliari, na qual passou a morar com seu irmão mais velho Gennaro, que mantinha as despesas dos dois com seu salário de cem liras mensais, obrigando-os a ter uma vida restrita. Nessa época, Gramsci era visto pelos colegas como um exemplar estudante (FIORI, 1979).

É importante nesse período, o encontro que Gramsci tem com o rígido professor

52 Nessa época, na Itália, de um modo geral, sobretudo nas famílias camponesas e operárias, era comum que as crianças comessem a trabalhar muito cedo, muitas vezes aos seis anos. Entretanto esse hábito era desconhecido entre as famílias de classe média, o que causava profunda revolta em Nino, que via alunos menos preparados que ele, que continuavam nos estudos, por serem filhos de rico. Em Ghilarza, cidade na qual Gramsci morava à época, a situação era tão precária, (que os filhos de rico, eram os filhos do padeiro, do açougueiro, do farmacêutico e do comerciante de tecidos LAJOLO, 1982)

Raffa Garzia, que com o tempo passa a ser um grande amigo, emprestando-lhe livros e incentivando-o a escrever pequenos textos jornalísticos.

A infância de Gramsci fecha-se com a incerteza da continuação dos estudos e impregnada pelas teorias meridionais e um forte apelo ao sardismo, em suma, ele ainda pensava que todos os problemas vividos no Sul eram acarretados tão e somente pela exploração do Norte, mas tudo mudou quando ele chegou ao coração industrial da Itália, a cidade de Turim:

Ao mar com os continentais! Quantas vezes repeti essas palavras. Depois conheci a classe operária de uma cidade industrial e compreendi o que realmente significavam as coisas de Marx, que havia lido antes por curiosidade intelectual. Me apaixonei assim pela vida, pela luta, pela classe operária (GRAMSCI *apud* Nosella, 2010, p. 36).

2. O JOVEM ANTONIO

A juventude de Gramsci iniciou com a mudança geográfica da ilha meridional para o continente. Em 1911, graças a uma bolsa de estudos concedida pela Fundação Albertina, conseguiu uma vaga na Universidade de Turim, iniciando o curso de Letras e Filologia moderna.

Em Turim encontrou, além de um clima totalmente diferente da quente ilha da Sardenha, uma variedade de correntes filosóficas, como o futurismo e o irracionalismo, sendo que disputavam o cetro ideológico o neo-idealismo de Croce e o socialismo marxista (Maestri e Candreva, 2007). Entretanto, o que realmente predominava na Universidade era o democratismo liberal, o positivismo e o neo-romantismo.

Ao chegar em Turim, a prioridade do jovem Antônio é a dedicação aos estudos, do qual foi tão privado na infância, dedicando-se integralmente a ele. Devido a isso, seu ingresso no Partido Socialista Italiano - PSI se deu tão tardiamente, em 1913, ao escutar a fala dos operários na greve de 1913. A partir dali conseguiu ampliar sua visão de mundo e entender que a exploração ultrapassava os limites da ilha da Sardenha, já que no continente também os operários viviam essa situação. A partir daí ele passou a enxergar como o verdadeiro opressor o grande capital.

Vale salientar que o PSI, fundado em 1892, era permeado pelo cientificismo. Tal fato era devido a influência da cultura burguesa setentrional, que tinha uma visão estritamente evolucionista e economicista do marxismo. Esta perspectiva desembocava numa visão

positivista e determinista de mundo, que servia para justificar a prática imobilista e fatalista adotada pelo dirigente do partido, Felippo Turatti.

Essa perspectiva do PSI incomodava o universitário turinês, pois na prática ele não via nenhuma iniciativa do partido no tocante à formação da massa trabalhadora. Nesse mesmo período passa a colaborar com alguns jornais locais, tanto por interesse pela atividade, quanto pela necessidade de complementação da renda, visto que a bolsa não conseguia suprir todas suas despesas.

Nesse período podemos vislumbrar o início de um caminho que nunca mais será abandonado por Gramsci: o interesse pela questão pedagógica de formação das classes subalternas, como poderemos perceber em carta enviada à esposa Giulia, já no cárcere fascista, quando pedia que a mesma lhe contasse como ocorria a educação na Rússia revolucionária, “a questão pedagógica interessa-me muitíssimo”. (GRAMSCI, 2005a, p. 539).

Diante do PSI eivado de positivismo, que não oferecia nenhuma alternativa as classes subalternas quanto a um programa de educação que assinalasse uma ruptura entre trabalho manual e intelectual, tem algumas iniciativas nesse cenário, materializadas através do Clube de Vida Moral, uma associação de Cultura e uma escola do partido, todas sufocadas pela falta de adesão do PSI a uma visão verdadeiramente revolucionária.

Em suas crônicas diárias, aproveita para criticar o modelo de escola dualista, humanística para a classe dominante e instrumental e profissional para os filhos dos operários, a exemplo dos artigos “Homens ou Máquinas e Socialismo e Cultura”.

Vários eventos marcam a juventude universitária de Gramsci: a I Guerra Mundial; a Revolução Socialista de Outubro em cenário mundial; e no cenário local, as grandes greves do *biênio rosso*, em 1919-1920, que lhe permitem ver o crescimento dos conselhos de fábrica como modelo de organização da classe trabalhadora. Logo em seguida, é também expectador da inesperada derrota trabalhadora pela mediação e cooptação dos sindicatos e partido junto a classe patronal.

Afastado definitivamente da universidade, pois não conseguia recursos para manter-se e ao mesmo tempo dedicar-se aos estudos como precisava, além de envolvido com a luta operária, o marxista italiano impõe a si mesmo uma tarefa revolucionária: entender as reais determinações que levaram o movimento operário a derrota.

Nesse momento, passa a crescer na Itália o movimento fascista, que encontrará ressonância entre as forças da burguesia. Gramsci foi pioneiro na análise da real ameaça que o

fascismo significava para a luta trabalhadora, como nos esclarece Konder (1977), “[...] em 24 de novembro de 1920, Gramsci escrevia no *Avanti*: o fenômeno do fascismo não é somente italiano, como não é italiana somente a formação do partido comunista” (p. 35).

3. O DIALÉTICO GRAMSCI

Como mencionado segunda sessão, Gramsci viveu o momento de efervescência operária, com o período do *biennio rosso* e logo em seguida presenciou também a derrota do movimento frente aos acordos realizados entre sindicato, partido e patronato.

Nesse momento, passou a buscar as raízes históricas para o entendimento dos aspectos que favoreceram tal derrota. Rompendo com a passividade do PSI, participou ativamente da criação do Partido Comunista da Itália, sendo indicado, em maio de 1922, juntamente com Amadeo Bordiga e Antonio Grazidei, como representante do PCI no congresso que seria realizado na Rússia. Isso lhe permitiu conhecer de perto a realidade de uma outra forma de Estado, o estado proletário, bem como novas experiências de ensino nesse contexto, como nos informa Manacorda (2010).

No período que esteve na URSS conheceu Giulia Schuchtz, sua futura companheira, com quem teve dois filhos Délio e Giulianno, sendo que o último sequer chegou a conhecer pessoalmente, pois já havia sido detido. Retornando a Itália, confiando em sua imunidade parlamentar, pois havia sido eleito pela região do Vêneto, em 06 de maio de 1924, acaba sendo preso.

Em 1926, Gramsci alcança uma nítida apreensão da realidade italiana e formula as tarefas necessárias ao Partido Comunista da Itália, expressas nas famosas Teses de Lyon e no ensaio inacabado “Alguns temas sobre a questão meridional”.

Foi preso em 08 de novembro de 1926 e sentenciado a vinte anos de prisão (tendo falecido em 1937). Gramsci produziu intensamente neste período, a partir de 1929, quando lhe foi dada a permissão de escrever, tendo escrito os conhecidos Cadernos do Cárcere. Tratam-se de trinta e três cadernos, sendo assim conhecidos, por se tratarem de cadernos escolares. Desses, quatro foram dedicados a traduções e vinte e nove a temas diversos.

Buscando as raízes históricas da dominação capitalista e tendo diante de si as deturpações e vulgarizações aplicadas ao marxismo, seja pelo revisionismo aplicado por Benedetto Croce, seja pelo marxismo vulgar de Bukharin, ou pelo reformismo indicado por

Eduard Berstein, Gramsci faz um profundo estudo da história italiana desde o *Risorgimento*, relacionando-o com outros momentos históricos mundiais, como a Revolução Francesa e a Reforma Protestante.

Esse caminho o permite resgatar o marxismo das deturpações economicistas e deterministas, indicando a relação dialética que existe entre estrutura e superestrutura. Na trilha de Marx, visto que não rompe com o filósofo alemão, examina dialeticamente as novas configurações do sistema capitalista, que mantém em sua base a exploração por meio do trabalho assalariado, mas diferentemente do capitalismo concorrencial analisado por Marx, agora passava para uma fase monopolista, marcada, especialmente no Ocidente, pela complexificação do estado, que apresentava novas estratégias de dominação.

A última edição brasileira dos Cadernos do Cárcere, realizada por um grupo de estudiosos da obra gramsciana, coordenada por Carlos Nelson Coutinho, apresentou o pensamento do sardo dividido em seis volumes, a saber: [1] Introdução a filosofia. A filosofia de Benedetto Croce; [2] Os intelectuais. O princípio educativo. O jornalismo; [3] Maquiavel. Notas sobre o estado e a política; [4] Temas da cultura. Ação Católica. Americanismo e Fordismo; [5] Risorgimento. Notas sobre a Itália; [6] Literatura. Gramática. Folclore.

Ao analisarmos a obra de Gramsci produzida no Cárcere, temos diante de nós, como indica o próprio autor, notas que exigem um esforço de compreensão, pois trata-se de uma obra fragmentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao examinarmos o contexto histórico no qual Gramsci viveu podemos concluir que toda sua obra é perpassada pela coerência de tentar responder a momentos e problemas concretos da realidade, sempre articulados pelo primado da totalidade e tendo como horizonte um projeto de emancipação humana.

Entendemos que a obra de Gramsci só é possível a partir do pensamento de Marx. São as formulações do alemão que conduzem Gramsci, por meio da Filosofia da Práxis, a procurar uma saída para a falácia de naturalização com que era vista a dominação capitalista.

A proposta educativa de Gramsci afina-se com a proposta de Marx, quando ambos pensam em uma educação que busca unir teoria e prática. Essa proposta não significa de forma alguma a defesa parcial de uma educação profissionalizante destinada a formação de

mão de obra ligada as classes subalternas, mas sim uma ação transformadora da realidade, no intuito de elevação cultural da classe operária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COUTINHO, Carlos. **Gramsci**: um estudo sobre seu pensamento político. Porto Alegre: L &PM, 1981.
- FIORI, Giuseppe. **A vida de Antonio Gramsci**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- Gramsci, Antonio. **Escritos Políticos, v.1.**: 1910-1920. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004a.
- _____. **Escritos Políticos, v.2.**: 1921-1926. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004b.
- _____. **Cartas do Cárcere, v.1.**: 1926-1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005a.
- _____. **Cartas do Cárcere, v.1.**: 1931-1937. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005b.
- _____. **Cadernos do Cárcere, v.1.**: Introdução a filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011a.
- _____. **Cadernos do Cárcere, v.2.**: Intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011b.
- _____. **Cadernos do Cárcere, v.3.**: Maquiavel. Notas sobre o estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011c.
- _____. **Cadernos do Cárcere, v.4.**: Temas de cultura. Ação católica. Americanismo e Fordismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011d.
- _____. **Cadernos do Cárcere, v.5.**: O Risorgimento. Notas sobre a história da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011e.
- _____. **Cadernos do Cárcere, v.6.**: Literatura. Gramática. Folclore. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.
- LAJOLO, Laureana. **Antonio Gramsci: uma vida**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MAESTRI, Mário. CANDREVA, Luigi. **Antonio Gramsci: vida e obra de um comunista revolucionário**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- MANACORDA, Mario Aligheiro. **O princípio educativo em Gramsci**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.